

RASTROS BIOGRÁFICOS EM *CANUMÃ* (2019): REGISTROS DE AUTOFIÇÃO

BIOGRAPHICAL TRACES IN *CANUMÃ* (2019): AUTOFICTION RECORDS

Rosana Rodrigues da Silva¹

Leila Silvia Sampaio²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo da obra de literatura indígena *Canumã* (2019), de Ytanajé Coelho Cardoso, a partir de diálogos que circundam a autoficção e a possibilidade de o romance apresentar características desse gênero. As discussões teóricas de Lejeune (2014), Doubrovsky (1977), Klinger (2006), Faedrich (2015) e Arfuch (2010), mesmo de forma breve, fundamentam esse trabalho e amparam a análise que observa a narrativa como uma escrita autoficcional pelas semelhanças entre a vida de um personagem/narrador e a do autor e pelos rastros biográficos observados no texto. A presença da ambiguidade na obra entre o real e invenção faz pensar em uma das estratégias de construção literária da narrativa do eu na contemporaneidade que foge de um relato verdadeiro da vida, mas recria a verdade, a partir de suas experiências e intenção de escrita enquanto escritor indígena de uma literatura e suas especificidades.

Palavras-chave: Autoria, Autoficção, Romance Munduruku.

ABSTRACT

This article presents a study of the indigenous literature work *Canumã* (2019), by Ytanajé Coelho Cardoso, based on dialogues surrounding autofiction and the possibility of the novel exhibiting characteristics of this genre. The theoretical discussions of Lejeune (2014), Doubrovsky (1977), Klingler (2006), Faedrich (2015), and Arfuch (2010), even briefly, underpin this work and support the analysis that observes the narrative as autofictional writing due to the similarities between the life of a character/narrator and that of the author, as evidenced by the biographical traces observed in the text. The presence of ambiguity in the work, between reality and invention, suggests one of the literary construction strategies of the self-narrative in contemporary times, which avoids a true account of life but recreates truth based on the author's experiences and writing intentions as an Indigenous writer of a specific literature.

¹Doutora em Letras pela UNESP, Campus de São José do Rio Preto. Professora na UNEMAT, do PROFLETRAS e PPGLETRAS, campus de Sinop-MT. Integra o grupo de pesquisa em estudos literários GECOLIT e o grupo da ANPOLL, Leitura e Literatura Infantil e Juvenil. E-mail: rosana.silva@unemat.br.

² Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT/Cuiabá. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, UNEMAT, Campus de Sinop. Professora na rede estadual do Estado de Mato Grosso, Colíder-MT. E-mail: leilasampaio70@gmail.com

Keywords: Authorship, Autofiction, Munduruku Novel.

Introdução

Considerado o primeiro romance de um indígena da etnia munduruku, *Canumã* (2019), de Ytanajé Coelho Cardoso, é uma obra que apresenta uma construção literária possível de configurar uma narrativa autoficcional. O narrador/personagem não apresenta o mesmo nome da autoria na capa, o que pode distanciar a obra do conceito de autobiografia, mas o desencadeamento da narrativa oferece rastros biográficos do autor, levantando a hipótese de o romance apresentar características do gênero autoficção. O personagem que narra, inicialmente, parece assumir um distanciamento da narrativa, utilizando a terceira pessoa, depois se apresenta em primeira pessoa, alternado com registros da memória e discursos reflexivos. Desse modo, percebem-se presentes e enlaçados em uma perspectiva de ficcionalizar uma realidade: autor, narrador e personagem.

O estudo proposto não pretende levantar provas que subsidiem a ideia de que a obra possa se enquadrar no conceito de autoficção, mas discutir possibilidades de a narrativa configurar-se nesta definição, pelos recursos estéticos literários utilizados pelo autor. Pela autoria ser indígena, que conta episódios vividos na aldeia, narrativas milenares e reflete acerca de temas referentes ao universo indígena, coloca o leitor em estado de alerta quanto à veracidade dos fatos narrados. Para ajudar nessa tarefa, as proximidades vivenciais entre narrador e autor em relação à trajetória acadêmica, uma vez que o autor, na época da escrita, cursava o doutorado, abrem a possibilidade de a ficção ser tecida com base na realidade, mas ele opta por não deixar isso registrado, uma vez que o conteúdo possa ser mais importante em sua construção.

Em um primeiro momento, pretende-se trazer uma breve discussão acerca da autoficção como gênero narrativo da modernidade, entender as aberturas em uma obra para que possa ser trazida ao diálogo dessa possibilidade configurativa. Na sequência, a proposta é apresentar os entremeios do romance indígena *Canumã* (2019), dialogando com as faces constitutivas da obra, que se mostram interpretativas de proximidade ao gênero autoficção.

Para fundamentar teoricamente a discussão proposta, buscamos teóricos como Lejeune (2014), Doubrovsky (1977), Klinger (2006), Faedrich (2015) e Arfuch (2010) que contribuem para os estudos em torno de textualidades que configuram uma escrita de si. Estes estudiosos ajudaram a entender as modificações literárias que cercam a escrita de si relacionadas aos textos autobiográficos e quando esses podem estar camuflados por uma escrita autoficcional e suas possíveis características.

Autoficção: Um breve passeio pelo conceito

O termo autoficção é, primeiramente, trazido para discussão pelo crítico francês Serge Doubrovsky (1977), que está situada entre autobiografia e romance, configurando um gênero híbrido, que gera opiniões diversas a respeito. O teórico entende que para a obra ser considerada autoficção é preciso haver uma coincidência entre autor, narrador e personagem, criando assim uma verossimilhança entre o que está narrado e o que foi vivido pelo autor e que esta questão seja levantada, gerando um atrito de protocolos de verdade que cercam a escrita da obra.

Diferente da autobiografia, que pretende se ocupar da verdade assumida, a autoficção não tem esse compromisso, pois, ao mesmo tempo que parece unir características reais de uma vida, apresenta uma ficcionalização da própria história de forma mais declarada, gerando uma narrativa ambígua e discutida no campo literário.

Figueiredo (2020, p. 91) defende que “a autoficção é um gênero que embaralha as categorias de autobiografia e ficção de maneira paradoxal ao juntar, em uma mesma palavra, duas formas de escrita que, a princípio, deveriam se excluir”.

Doubrovsky (1977) defende que autoficção é

Uma variante pós-moderna da autobiografia na medida em que ela não acredita mais numa verdade literal, numa referência indubitável, num discurso histórico coerente e se sabe reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória (Doubrovsky *apud* Vilain, 2005, p. 212).

Nas discussões teóricas que buscam definir a autoficção, para onde seja possível agrupar obras que abarquem seus elementos, entende-se que o gênero é um passeio fluido entre romance, memória, ensaio, autobiografia, ficção e, a partir da linguagem e das estratégias literárias, o leitor é conduzido, pela mistura entre real e ficcional, a

verificá-la como autoficção. Nesse sentido, quando o próprio autor se coloca como personagem e participa da história, sem que seja necessário afirmar a veracidade do que conta, abre margem para que o leitor conclua que seja a narrativa de sua vida. É neste momento que a autoficção toca no ponto sensível: relação entre discurso e realidade que é algo que percorre a história da literatura.

Quando Lejeune (2014) discute que a semelhança é uma relação sujeita à discussão e nuances infinitas estabelecidas a partir do enunciado, chama a atenção para o leitor. Sabemos que na autobiografia, ao mesmo tempo que parece reproduzir fielmente as memórias do narrador, nos apresenta questionamentos e, na medida que consideramos as falhas ou seleções da memória, não podemos desconsiderar as interpretações de quem lê. Para o teórico, o papel do leitor é importante para formar aquilo que ele chama de “pacto autobiográfico” que é um compromisso do autor com o leitor: o narrado está relacionado com uma referencialidade externa e pode ser comprovado.

Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos referenciais: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter, portanto, a uma prova de verificação. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o efeito do real, mas a imagem do real (Lejeune, 2014, p. 36).

O pacto autobiográfico afirma a identidade entre autor, narrador e personagem, no entanto o uso da primeira pessoa do singular, segundo Lejeune (2014), não garante a identidade que o pacto sugere, pois os três elementos precisam remeter a uma mesma pessoa. Essa identidade autor-narrador é estabelecida de forma implícita ou explícita, por informações extras-textuais presente na obra.

Diante disso, o próprio Lejeune (2014) fez uma revisão do pacto autobiográfico em que reflete suas implicações e assume seu próprio texto para análise, o que possibilita aos pesquisadores acompanharem as transformações teóricas a partir do próprio conceito trazido por ele, que se abre em uma tarefa que o teórico chama de “democratização”.

Em relação às discussões de Doubrovsky (1977) trazidas a partir de lacunas deixadas por Lejeune (2014):

Revista de Letras Norte@mentos

72

Dossiê "Vozes identitárias da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária.", Sinop, v. 19, n. 57, p. 69-83, jun. 2026.

Nos últimos dez anos, da “mentira verdadeira” à “autoficção”, o romance autobiográfico literário aproximou-se da autobiografia a ponto de tornar mais indecisa do que nunca a fronteira entre esses dois campos. Essa indecisão é estimulante para a reflexão teórica: em que condições o nome próprio do autor pode ser percebido por um leitor como “fictício” ou ambíguo? Como se articulam, nesses textos, o uso referencial da linguagem, no qual as categorias de verdade (que se opõe à mentira) e realidade (que se opõe à ficção) permanecem pertinentes, e a prática da escrita literária, na qual essas categorias se esvanecem? (Lejeune, 2008, p.59).

A característica referencial e ficcional da autoficção traz uma certa dificuldade em sua classificação, pelo encontro da dúvida sobre a veracidade ou até que ponto é mentira. “Afirmar que autoficção é o exercício literário em que o autor se transforma em personagem do seu romance, misturando realidade e ficção, é apenas um passo; condição necessária, mas não suficiente” (Faedrich, 2015, pag.49).

Para ajudar nesse trabalho analítico, Leonor Arfuch (2010) cria uma classificação que ela denomina “espaço biográfico”, em que é possível o tráfego dos elementos referenciais e ficcionais, o que dá liberdade ao leitor para selecionar as informações que esbarram na identidade autoral e a distinção entre ambas. A pesquisadora defende que nas diversas formas de escritas biográficas, a narração apoiada na garantia de uma vivência “real”, tem mais valor para a leitura do que um contrato rígido de identidade entre autor e narrador, como propõe por Lejeune (2014). Conclui que as estratégias de autorrepresentação na obra é o que mais importa e argumenta:

Não tanto a verdade do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história alguém conta de si mesmo ou de outro eu (Arfuch, 2010, p. 73).

A partir das considerações de Arfuch (2010), é importante trazer para a discussão as reflexões de Klinger (2008) que apropria-se das pontuações de Foucault a respeito da “escrita de si” e defende que a respeito da autoficção é necessário, primeiramente, inseri-la no plano mais amplo dos discursos sobre o eu. A estudiosa explica que “Foucault mostra de que forma a escrita de si não é apenas um registro do eu, mas – desde a Antiguidade clássica até hoje, passando pelo cristianismo da Idade

Média - constitui o próprio sujeito, performa a noção de indivíduo” (Klinger, 2006, p. 24) e defende:

Concebemos a autoficção como um discurso que não está relacionado com um referente extratextual (como no caso da autobiografia), mas também não está completamente desligado dele. A autoficção participa da criação do mito do escritor, uma figura que se situa no interstício entre a “mentira” e a “confissão”. A noção do relato como criação da subjetividade, a partir de uma manifesta ambivalência a respeito de uma verdade prévia ao texto, permite pensar (...) a autoficção como uma performance do autor (Klinger, 2006, p. 54).

A autora explica que essa performance do autor em uma autoficção supõe a construção simultânea entre narrador e autor em que este é considerado enquanto sujeito de uma performance em que representa um papel na vida real. Desse modo, o que interessa do autobiográfico no texto de autoficção não é a adequação à verdade, mas a ilusão da presença.

Nesse sentido, a questão se movimenta para o espaço biográfico, a partir de onde o leitor, através dos registros referenciais e ficcionais, levanta suas hipóteses, cria um caminho de leitura e aproxima a obra do gênero autoficção. Assim, o interessante na autoficção não é uma certa quantidade de verdade dos fatos, mas a ilusão da presença, do acesso ao lugar de emanção da voz, a performance dentro do espaço biográfico.

Faedrich (2015) colabora quando explica que a autoficção não deve ser confundida com um texto autobiográfico.

[...] na autoficção se estabelece com o leitor um pacto oximórico (Jacomard, 1993)³, que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico), sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura, marcado pela ambiguidade, em uma narrativa intersticial (Faedrich, 2015, p.46).

Para Faedrich (2015), a ambiguidade que se centraliza na interpretação do leitor é característica essencial de uma autoficção, pois o jogo de ambiguidade referencial e de fatos e a busca pela verdade fazem a ponte necessária para trazer a obra para o diálogo da autoficção.

³ JACCOMARD, H. Lector et lecture dans l'autobiographie française contemporaine: Violette Leduc, Françoise d'Eaubonne, Serge Doubrovsky, Marguerite Yourcenar. Genève: Droz, 1993.

Movimentos entre real e ficção no romance *Canumã* (2019)

Considerado o primeiro romance de um indígena da etnia munduruku, *Canumã* (2019) apresenta um narrador/personagem com uma trajetória de vida, conhecimentos e pensamentos muitos próximos do autor que faz com que o leitor encontre as similaridades. Embora, em entrevista, Ytanajé Cardoso assuma a ficcionalidade da obra, também não nega que possa existir sua presença no texto, o que contribui para que o leitor possa problematizar sua escrita a partir dos conceitos de autoficção.

É importante lembrar que por se tratar de uma obra de autoria indígena em que o leitor se adentra no universo indígena, a narrativa não se furta, em alguns momentos, de apresentar, pela voz do narrador ou de um personagem, o pensamento do não indígena em relação aos povos originários. Isso exemplifica um dos objetivos dessa literatura, levar conhecimento e dialogar a presença do indígena no passado e na atualidade e suas diversas culturas.

Em relação a isso, autor Ytanajé Coelho Cardoso, em entrevista cedida, considera:

Eu acredito que a literatura me permite falar de maneira muito mais fiel do meu povo do que me permite, por exemplo, um trabalho acadêmico. A literatura me ajuda a criar possibilidades que um trabalho acadêmico não me permite. E essas possibilidades, eu escrevo e tento fazer com que alcance a mente das pessoas de maneira que elas dialoguem com a cultura do povo munduruku (Cardoso, 2023).

A literatura escrita de autoria indígena, se antes iniciou com a divulgação de narrativas milenares que atravessaram os séculos pela oralidade, hoje comporta textualidades diversas em que o escritor, dono de uma voz com histórico de silenciamento, se apropria de um gênero textual (poema, crônica, conto, autobiografia e outros) e cria, a partir de seu olhar para o mundo, acerca do passado, presente e futuro dos povos indígenas. Algumas obras trazem relatos, desabafos, denúncias de violências e de experiências de quem ainda sofre com olhares e discursos preconceituosos e distantes de sua realidade.

Diante das textualidades diversas que os indígenas utilizam para se expressarem, as narrativas do eu se abrem para estudos em torno de autoria e escrita de si e o campo

literário acompanha o crescimento de produções dessa autoria e muitas delas com premiações em concursos literários.

Nessa discussão, o romance *Canumã* (2019) se insere pela possibilidade do diálogo com o gênero autoficção, pois os rastros biográficos deixados pelo autor permitem essa análise, a partir da sua construção narrativa. A obra traz na capa o nome do indígena e, como muitas outras narrativas dessa autoria, o autor se dispõe a recheiar sua trama, a mudança de uma família para a cidade e a preocupação em manter a língua munduruku, com informações acerca da cultura do seu povo. Na orelha do livro, Neiza Teixeira, avisa o leitor:

(...) mostra também o *modus vivendi* de uma aldeia, o seu dia a dia, os romances, os divertimentos dos adultos e das crianças, a feitura da farinha, a caça, a pesca, as festas, os casamentos, os nascimentos, a invasão dos missionários (Teixeira, 2019).

O romance inicia com a narração detalhada da família do personagem Raçãp, um jovem indígena da etnia munduruku, no trabalho de colher mandioca e fazer farinha. A narrativa se apresenta, em sua maioria, em primeira pessoa, no entanto, podemos presenciar a terceira pessoa em uma tentativa de se distanciar da história e, somente na página quinze, de forma tímida, o eu/autor se assume. Verificamos esse momento, quando o narrador/personagem Felipe fala da atividade física de arrancar mandioca e confessa:

Sim, é uma tarefa árdua. Meus braços são vigorosos de tanto executá-las. Nos tempos atuais, pratico apenas exercícios intelectuais, não mais calafetando canoas, mas calafetando as crateras que se abrem no desentendimento entre um discurso e outro (Cardoso, 2019, p. 15).

Entende-se que não é a pessoa do discurso que determina a autoficção, mas é nesse momento que pode dar o início, caso ainda não o tenha feito, o questionamento do leitor a respeito da estratégia narrativa e é possível encontrar um rastro biográfico do autor.

Isso se dá pelo fato de Ytanajé Coelho Cardoso, graduado em Letras, em 2014, pela Universidade Estadual do Amazonas, mestre em Letras e Artes pela mesma instituição em 2017, e título de doutor em Educação, no ano de 2023, pela Universidade

Federal do Amazonas e, durante o curso de doutorado, escreveu o romance *Canumã* (2019).

Toda formação acadêmica é observada, não somente pelas informações que coincidem com as do personagem/narrador ou pelo conhecimento e reflexões a respeito da situação da língua munduruku, mas pela retórica utilizada pelo autor, principalmente quando a narrativa é tomada pelo tom discursivo:

O grande interesse dos antigos é passar seus conhecimentos a quem quer que seja, sobretudo aos mais jovens, os quais deveriam absorver a história dos antepassados, assim como era feito antes do Serviço de Proteção ao Índio. Mas parece que hoje, na medida em que o conhecimento do não indígena, suas tecnologias e seu *modus operandi* adentram o cotidiano dos munduruku – não só dos munduruku, mas também de todos os povos indígenas que mantêm alguma relação com esses instrumentos do mundo ocidental – parece que as estruturas milenares se descaracterizaram, tornando-se cada vez mais claudicantes. Pude constatar isso não só observando, mas ouvindo quase que diariamente os lamentos de minha vó, com a qual tive o privilégio de incorporar estruturas que me ajudaram a ser o que sou hoje, um ser circunspecto, pois em suas palavras, pude pescar o essencial da vida, aprendi a interpretar os polos mais afastados da vontade humana. Aprendi em parte. O conhecimento é infinito. Mas digo que se eu, na condição de homem e conhecedor de outras culturas, respeitar aquilo que o outro tem de melhor a me oferecer; no sentido de me ver como um reflexo do outro, eis aí uma formidável ferramenta de superação de si (Cardoso, 2019, p. 52).

O fragmento acima aponta para uma voz narrativa que parece incorporar o pensamento do autor e retrata a preocupação de Ytanajé, já assumida em entrevista, pela manutenção da língua munduruku, fato que o moveu a pesquisar e trabalhar em prol desse projeto. O tom discursivo apresenta um intelectual inquieto dentro de seus saberes e descobertas, característica apontada pelo próprio autor em participação do Projeto de Pesquisa: “O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação (2020-2022)”, desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – *campus* de Sinop, sob a coordenação da Profa. Dra. Luzia Aparecida Oliva pesquisa, realizado via *Google meet*, em que a obra *Canumã* foi discutida.

Essas informações não devem ser desconsideradas, pois, segundo Klinger (2008), levar em consideração operadores de identificação além do nome, outras marcas como idade, meio, profissão, aspirações, etc, permite identificar o autor com o narrador.

Ainda de acordo com o autor de *Canumã* (2019), em entrevista cedida ao PODCAST-Mekukradjá (2021), a avó Ester, única personagem que ele fez questão de dar o nome real, o influenciou a escrever a história do povo munduruku e lutar para manter os conhecimentos ancestrais e assim, teve um tempo de pesquisa para documentar os últimos falantes da língua munduruku do Amazonas e, a respeito da obra, revela em sua tese de doutorado.

Em relação ao cronotopo intercultural dos munduruku da Terra Indígena Kwatá-Laranjal, mais especificamente dos munduruku do Rio Canumã, há o livro *Canumã: a travessia* (2019), de minha autoria. É um romance que retrata a realidade vivida pelo povo munduruku do Rio Canumã a partir do final do século XX, quando a língua munduruku passou a ser falada apenas por alguns anciãos e anciãs (Cardoso, 2023, p. 221).

O escritor reforça na escrita do romance sua preocupação em relação à língua do seu povo: “A única diferença é que há uns noventa anos tudo era contado na língua munduruku, mas essa língua, atualmente, já não é utilizada com tanto vigor como antes” (Cardoso, 2019, pg. 42). Segundo Klinger (2006),

[...] tanto os textos ficcionais quanto a atuação (a vida pública) do autor são faces complementares da mesma produção de uma subjetividade, instâncias de atuação do eu que se tencionam ou se reforçam, mas que, em todo caso, já não podem ser pensadas isoladamente. O autor é considerado como sujeito de uma performance, de uma atuação, um sujeito que ‘representa um papel’ na ‘vida real’, na exposição pública, em suas múltiplas falas de si, nas entrevistas, nas crônicas e autorretratos, nas palestras. [...] Assim, a autoficção adquire outra dimensão que não a ficção autobiográfica, considerando que o sujeito da escrita não é um ‘ser pleno’, senão que é resultado de uma construção que opera tanto dentro do texto ficcional quanto fora dele, na ‘vida mesma’ (Klinger, 2006, p. 59).

Uma vez que a narrativa inicia em terceira pessoa e, aos poucos, o eu se apresenta, nos remete a ideia de um autor que, por mais que tente ficcionalizar sua obra, e aqui não estamos com a ideia de negar o atributo da ficção, ele não consegue se distanciar das referências que traz para seu texto. Quando, no trecho abaixo, quer imprimir um tom de verdade no que diz, com a intenção de esclarecer a veracidade do que viu e ouviu, é como se em seu interior, houvesse, talvez, o receio de julgarem como mentira.

Posso não reproduzir cada palavra que ouvi enquanto criança, mas certamente aquelas imagens, os ensinamentos dos velhos e a meticulosidade com que entalho minhas lembranças na História, me legitimam a reproduzir tais discursos como se eu estivesse lá, anotando e gravando tudo (Cardoso, 2019, pg. 40).

Ytanajé viveu até os dez anos de idade, alternando entre aldeia e Nova Olinda do Norte e isso permitiu que ele participasse da rotina da comunidade, das brincadeiras, dos festejos. A partir do capítulo VI, a voz em primeira pessoa, ora eu, ora nós, assume a narrativa. Em tudo o narrador Felipe está. Nas situações diversas que viveu enquanto criança: “(...) embaixo de uma árvore, ao lado do posto da Funai. Ali se reuniam muitos primos e primas da nossa idade. Brincávamos bastante, até o grupo ir se desfazendo” (Cardoso, 2019, p. 44) e, depois já mais velho, fazendo o percurso que o levaria junto do primo a viver na cidade.

Seguíamos, admirados, o curso do rio, mais ainda porque estávamos deixando tudo para trás. Insiro-me no meio pela simples razão de estar na mesma situação da família, a única diferença é que pouco menos de um ano para juntar-me, definitivamente, a ela, na cidade (Cardoso, 2029, p. 27).

Neste momento da narrativa, observa-se que ao afirmar seu sentimento de admiração igual ao do primo, por estarem deixando tudo para trás, mas não seria aquele o momento de sua partida definitiva, uma questão é levantada. O personagem Raçãp não seria a identidade real do autor? Não estaria ele tentando manter uma certa distância do gênero autobiográfico, por entender que ao elaborar seu texto no ritmo autobiográfico poderia fugir daquilo que sua intenção de escrita estaria propondo? No início da narrativa, o narrador em terceira pessoa narrava com riqueza de detalhes as aventuras do dia na roça pela família de Raçãp. Não seria ele, o autor, a trazer sua memória desse dia? Depois decide assumir-se em outro personagem e relata que o primo havia contado as aventuras do dia anterior.

De acordo com Klinger (2006), a ficção seria superior ao discurso autobiográfico, pois, ou autor não tem como prioridade contar sua vida, mas utilizar sua arte da escrita e por meio dessa criação, estaria se aproximando mais da verdade do sujeito que é o criador delas.

Outra fenda que se abre para o leitor observar possíveis poros de uma autoficção, pode ser percebida pela estratégia do autor em ora mostrar a narrativa no tempo do enunciado, ora levá-la para o momento da escrita, com os extremos se entrelaçando. O autor, na época da escrita com o título de mestre, se faz presente no fragmento abaixo, quando o narrador/personagem Felipe desabafa:

Também prometi aos meus pais que, se não desse certo a vida na cidade, voltaria para continuar pescando e caçando. Pois não é que me tornei um pescador e caçador. Já pesquei o primeiro mestrado, agora estou caçando um conceito (...) estou tentando equalizar percepções, analisando certos discursos (Cardoso, 2019, p. 167-168).

Ao trazer para sua escrita a verossimilhança e assumir: “É ficção, é um texto que tem que ser tomado como ficção, (...) de fato o que o narrador diz é um pouco do que penso(...) um pouco da vida. Minha trajetória se traduz no personagem” (Cardoso, 2020), Ytanajé reforça nossa intenção reflexiva acerca de sua obra e a possibilidade de configurá-la como autoficção e demonstrar algumas das muitas proximidades entre autor e narrador/personagem que pode ser verificado nas próprias palavras do autor/personagem: “Por isso essa besta quadrada metida a narrador escreve sempre pensando numa possível falta de circunspeção sobre si mesmo” (Cardoso, 2019, p. 189). Ytanajé “deixa pistas provocativas ao leitor, que propositalmente aproximam autor, narrador e personagem” Faedrich, (2015, p. 50).

A ideia que construímos do autor é que ele quis e tentou distanciar-se da narrativa, mas sua identidade indígena atrelada à sua intencionalidade o impediu e presenteou o leitor com uma obra narrativa de eventos, de perspectiva discursiva, de conhecimento e aproximação de uma cultura, em um processo de incursão na escrita de seu povo e de si.

Esse entrelaçado entre autor/narrador/personagem é percebido na presença de uma voz individual que se apresenta coletiva, pois a escrita literária indígena se configura como mais uma ferramenta de luta e resistência dos povos indígenas, pois sua escrita não está para sustentar seu ego, mas sim para mobilizar saberes que circundam a sociedade e ajudar em um entendimento dos povos indígenas que precisa ser (des)construído.

Considerações Finais

Arfuch (2010) explica que “eu não me separo valorativamente do mundo dos outros, senão que me percebo dentro de uma coletividade, uma família, uma nação, a humanidade cultural”. É nessa perspectiva que o romance *Canumã* (2019) foi lido, na tentativa de discuti-lo dentro dos espaços conceituais que os estudos contemporâneos discutem acerca de autoficção.

Por se tratar de uma obra de literatura de autoria indígena e a narrativa ser construída em torno de uma problemática que envolve os povos indígenas: a luta pela manutenção das línguas e culturas, o leitor é lançado para o movimento de ambiguidade entre real e ficção, uma vez que essa literatura traz uma escrita que não se separa da condição e história de vida da autoria. Ao se deparar com a construção narrativa de Ytanajé e conseguir percebê-lo como um autor muito presente na história, o leitor pode adentrar na perspectiva leitora de uma obra de autoficção.

A autoficção é uma variante pós-moderna da autobiografia e existe uma fronteira entre esses dois gêneros que está sujeita ao olhar do leitor que, ao verificar as estratégias literárias da obra, firma um pacto oxímoro de leitura, onde o ambíguo entre real e ficção se apresentam e se movimentam.

É para esse movimento que a obra *Canumã* (2019) leva o leitor, para um estado de alerta diante das estratégias enunciativas que se mesclam e empurra para uma aproximação entre o narrador/personagem à vida do autor que defende a característica ficcional da obra, mas que deixa rastros biográficos por meio de sua performance.

A verossimilhança e as coincidências não são ignoradas pelo leitor atento que traça sua leitura pela observação do conjunto da obra: autoria, narrador, personagens, narrativa e a história contextualizada na literatura brasileira dessa arte e as referencialidades. No entanto, nada é capaz de fazer pousar a certeza da verdade, pois uma obra jamais pode ser fechada em um conceito categórico, ela é aberta, pois é criação literária, antes de qualquer gênero textual.

O pacto oxímoro, esse entrelugar oscilante “nem verdade, nem mentira” é uma característica da autoficção que tem um narrador que pode estar contando sua história, porém a ficcionaliza, não havendo pacto com a veracidade, contudo se inspirando em

fatos de sua vida, que se tornam inventivos a fim de garantir poesia narrativa e não um relato autoral. É nesse caminho de análise que o romance *Canumã* (2019) pode ser lido.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CARDOSO, Ytanajé Coelho. *Canumã*. Manaus: Valer, 2019.

CARDOSO, Ytanajé Coelho. *A interculturalidade dialógica no currículo de linguagens da educação escolar munduruku: a ascensão da literatura indígena*. 2023. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Grasset, 1977.

DOUBROVSKY, Serge. L'autofiction selon Doubrovsky. In: VILAIN, Philippe. *Défense de Narcisse*. Paris: Grasset, 2005.

DOUBROVSKY, Serge. Les points sur les "i". In: JEANNELLE, Jean-Louis; VIOLLET, Catherine (org.). *Genèse et autofiction*. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2007. p. 53-65.

FAEDRICH, Anna. *Autoficção: um percurso teórico*. *Criação & Crítica*, São Paulo, n. 17, p. 30-46, dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 31 set. 2025.

FAEDRICH, Anna. *O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira*. *Itinerários*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547>. Acesso em: 31 set. 2025.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. *Criação & Crítica*, São Paulo, n. 4, p. 91-102, 2010. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/08CC_N4_EFigueiredo.pdf. Acesso em: 03 ago. 2025

KLINGER, Diana. *Escritas de si e escritas do outro: autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea*. 2006. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Comparada) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVA, Luzia Aparecida (coord.). *O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação*. Projeto de pesquisa (2020–2022). Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2020. Informações obtidas em reunião realizada via Google Meet em 7 jul. 2021.

Revista de Letras Norte@mentos

82

Dossiê "Vozes identitárias da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária.", Sinop, v. 19, n. 57, p. 69-83, jun. 2026.

Ytanajé Coelho Cardoso. *Canumã*. Entrevista concedida ao canal Outro Livro – Conversas Literárias em 3 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JSV8p2u7f9A&t=2307s>. Acesso em: 22 ago. 2025

Ytanajé Cardoso – *Mekukradjá*: questões indígenas. Podcast. Publicado em 3 maio 2021. Disponível em: <http://portale.icnetworks.org/ytanaje-cardoso-mekukradja>. Acesso em: 04 jul. 2025.

Recebido em 09/04/2026

Aceito em 30/06/2026